

UM CHARLATÃO, PADRES DEVISSOS E ESCRITORES LIBERTINOS: popularização de ideias no período pré-revolucionário francês

Vinicius Fattori
Graduando em História - Unesp/Franca

RESUMO: O objetivo deste artigo é relacionar certos livros e ideias do historiador estadunidense Robert Darnton. Este autor analisa aquilo que poderíamos denominar de “popularização de ideias iluministas”, uma vez que se foca em diversos escritores marginais que pareciam ter como missão pessoal disseminar as ideias do Iluminismo no francês *comum* pré-revolucionário, uma tarefa que não seria possível aos autores e filósofos clássicos do Iluminismo, com seus complicados tratados políticos. Estas pessoas, charlatões, padres devassos e escritores libertinos costumavam ser muito populares no século dezoito, mas atualmente estão esquecidos.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução Francesa, História Cultural, Robert Darnton.

ABSTRACT: The aim of this paper is to list certain books and ideas of American historian Robert Darnton. This author examines what we might call "popularization of enlightenment ideas", because it focuses on several marginal writers who seemed to had a personal mission to spread the ideas of the Enlightenment in the pre-revolutionary *common* French, a work that would not be possible to the classical authors and philosophers of the Enlightenment, with their complicated political treaties. These people, charlatans, profligate priests and libertine writers used to be very popular in the eighteenth century, but currently are forgotten.

KEY-WORDS: French Revolution, Cultural History, Robert Darnton.

Pensar o século XVIII na França é se lembrar de Voltaire, Rousseau e Montesquieu; a *Enciclopédia* e *O Contrato Social*; a emergência da filosofia das Luzes e a queda da obscura Monarquia dos luíses; Danton e Robespierre. É se recordar, enfim, da Revolução e todas as suas etapas. Em meio a tantos nomes dignos de reconhecimento e eventos complicados para se entender, quem se interessaria por indivíduos como Franz Mesmer, os abades Le Senne, Yvon, Pestré e os escritores Pidansat de Mairobert, Louis-Sébastien Mercier, barão d’Holbach? Afinal, quais papéis poderiam desempenhar, em tão iluminada revolução, um pseudocientista desprezado pela Academia ainda em seu tempo, bandos de padres desvirtuados e milhares de escritores empobrecidos?

Robert Darnton – historiador cultural com ênfase na Antropologia de Clifford Geertz e atual diretor da biblioteca da Universidade de Harvard – iniciou suas pesquisas na década de 60, quando ainda estudava em Princeton. Atraído pelas novidades proporcionadas pela Nova História, dedicou-se à pesquisa dos campos de estudo que ora se abriam, como a História do Livro. O “olhar de cima”, as fontes tradicionais (como discursos, clássicos da literatura e documentos oficiais), a política, e as grandes personalidades foram elementos que não receberam deste autor a ênfase quase absoluta com que trabalhava, sobretudo, a História Política. Tida como essencialmente factual ou engessada por modelos explicativos de cunho positivista ou marxista¹, tais análises focavam a gênese do movimento no Iluminismo e em seus representantes estabelecidos, como Rousseau, Voltaire e Diderot. Darnton não faz esse caminho, ele não procura enquadrar a revolução em certas teorias ou se deter em acontecimentos políticos considerados relevantes; para tentar entender, à luz das ditas inovações trazidas pela Escola dos Annales, um dos eventos *populares* mais significativos da história ocidental, o autor se aprofundou em arquivos, buscando em fontes de caráter pessoal a vivência dos indivíduos mais simples. Percebendo como viviam, o que liam e sobre o que se interessavam, o autor adotou abordagem diversa daquelas, então, consideradas clássicas.

Estudando o Iluminismo por baixo e tendo com principal fonte² as 50 mil cartas encontradas em depósito de uma tipografia na Suíça, Darnton procura entender o que lia e como pensava o francês comum no período pré-revolucionário; qual o papel dos livros e como se difundiam ideias na França dos setecentos; e afinal quais seriam, segundo expressão cunhada, porém não adequadamente respondida por Daniel Mornet, as “origens intelectuais da Revolução Francesa”.

Para tanto, o presente artigo organizou-se de modo a exemplificar as principais ideias desenvolvidas por Darnton ao longo de quatro importantes livros. Tratam-se de *O grande massacre de gatos e outros episódios da História Cultural francesa* (1986), *Boemia literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime* (1987), *O lado oculto da Revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França* (1988) e *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária* (1998).

¹ Podem-se citar autores clássicos como Jules Michelet, Albert Soboul, e Georges Lefebvre, com suas respectivas obras elencadas nas Referências Bibliográficas.

² Além de ampla bibliografia especializada e críticas literárias, o autor também faz uso de documentos por muito tempo negligenciados pelos historiadores, como cartas, anúncios, diários, relatórios policiais, atas e canções. Darnton afirma terem fracassado as tentativas anteriores de desvendar os hábitos de leitura dos franceses porque estes estudos partiam de fontes oficiais (por exemplo, as listas de livros de bibliotecas particulares leiloadas utilizadas pelo historiador Daniel Mornet) que, naturalmente, omitiam toda literatura não ortodoxa.

Cada uma dessas obras aborda determinados episódios, compreendidos pelo autor como de suma importância para o entendimento da base intelectual que pode ter levado à mobilização das massas rumo ao que ficaria conhecido como Revolução Francesa. O suporte analisado pelo autor destoa da historiografia supracitada, dada a tendência desta a considerar apenas o impacto e influência dos clássicos iluministas (lembrando ser esta uma denominação *a posteriori*, historicamente construída e, portanto, não compreendida dessa forma pelos contemporâneos) e ignorar o desenvolvimento de uma prolífica literatura marginal, muito consumida nos anos que antecederam os movimentos revolucionários de finais do século XVIII³.

O artigo trabalha, separadamente, ideias norteadoras de cada texto elencado para, nas considerações finais, buscar a unidade de pensamento do historiador estadunidense, diluída em seus diversos livros. A primeira parte tratará de um inusitado caso envolvendo o notório médico charlatão Franz Mesmer, que tendo teorizado um inovador tratamento às doenças humanas, acabou por inspirar outras tantas figuras desprezadas a combater o *despotismo* das Academias Científicas e, por fim, o próprio regime. A segunda parte abordará um fenômeno de amplo desenvolvimento na França do século XVIII: a hipertrofia do setor literário; a insatisfação dos escritores com a grave situação financeira e de prestígio em que se viram lançados teria permitido o aumento significativo de críticas ao regime dos Bourbon, minando sua legitimidade. A terceira parte pretende avaliar a ação de clérigos – membros do Primeiro Estado, mas como muitos outros, sensibilizados pelo Iluminismo – que combateram o governo marcado por regalias e privilégios de Luís XVI. O que já convém advertir é que todos estes personagens parecem ter agido em defesa de interesses pessoais, talvez egoístas, sem que isso concordasse em apoio ou militância pela queda do Estado Monárquico Absolutista em um primeiro momento.

II

O austríaco Franz Mesmer mudou-se para Paris em 1778 porque desejava apresentar àquela sociedade e sua prestigiada Academia de Ciências uma nova forma no tratamento de moléstias. Este médico afirmava serem todas as doenças resultado da má circulação em um fino fluído que, fundamentalmente, circundava os corpos humanos. Denominado de “mesmérico” observar-se-ia de maneira um tanto mística, mas

³ Podem-se reconhecer as obras de François Furet como um marco na “superação” à crise pela qual passou a História Política, quando esta se tornou alvo preferido de críticas proferidas pelas gerações dos Annales. Conferir o clássico *Pensando a Revolução Francesa*, de 1978.

indubitavelmente científica (assim dizia), o intercâmbio desses fluidos envolvendo todas as pessoas, o ambiente e até planetas, astros e estrelas, em uma grande corrente de energia. A interrupção de seu trânsito seria efeito de uma moral corrompida que, necessariamente, deveria ser restituída em sua plenitude – portanto, era deste modo que a saúde espiritual influía diretamente na saúde do corpo. O objetivo do tratamento era atingir a harmonia universal entre homens e coisas, já que, quando se mostrassem regulares, tais trocas poderiam garantir o bom funcionamento não apenas dos sistemas humanos, mas também do próprio universo.

O tratamento às doenças concebido por Mesmer se valia de luzes, cubas ditas “mesmeristas”, eletricidade, magnetismo e uma atmosfera sufocante, sendo estas as prováveis causas das constantes crises epiléticas que acometiam os pacientes (em geral mulheres), e do ceticismo com o qual foi recebido pelos cientistas da Corte, que logo o consideraram mais um entre tantos charlatões que se estabeleciam em Paris. Contudo, no primeiro caso, era exatamente a observância das tais crises que certificava a validade da nova medicina, a recuperação prometida. As convulsões eram, destarte, uma importante etapa a ser transposta por quem procurasse cura a toda moléstia em cujo tratamento a racional ciência iluminista havia fracassado em alcançar.

Durante sua estadia em Paris, entretanto, Mesmer precisou lidar com as suspeitas não só de autoridades médicas, como também de pessoas comuns, porém céticas, já cansadas do charlatanismo que tão bem caracterizava os tratamentos populares na França do século XVIII. Atinando espaço para troça, esses indivíduos preferiam conjecturar se o imódico deslumbre que exercia tal tratamento junto, principalmente, ao público feminino não se devia mais a uma nada convencional relação estabelecida entre médico e paciente do que a mera comprovação empírica de resultados obtidos...

Como tantas outras naquele período, a terapia mesmerista rapidamente se popularizou, atraindo inúmeros seguidores e ferrenhos defensores. Tornou-se, claro, motivo de imenso desconforto para os cientistas da Corte, que a todo o momento denunciavam seu cunho místico-obsuro. Expondo e argumentando fartamente nas revistas oficiais de ciências o motivo pelo qual Mesmer e seus sectários não passavam de charlatões, tais cientistas tentavam – sem sucesso – fazer com que adeptos e defensores do mesmerismo rejeitassem o tratamento em questão em favor dos métodos desenvolvidos pelas academias de ciências, considerados mais friamente lógicos, verdadeiramente científicos e livres de qualquer (assim acreditavam) apelo emocional que em nada contribuía ao tratamento.

Tal agitação, é certo, só decorria de um fato: na França pré-revolucionária as manifestações de apoio ao mesmerismo eram inadvertidamente amplas. Em plena era de Kant – pensava-se que do racionalismo extremado – chega a ser desconfortável imaginar os cosmopolitas parisienses se rendendo a uma (tão prolífica e eficazmente combatida pela pretensa medicina racional acadêmica) pseudociência fincada em misticismo. Mas ora, pondera Darnton, mais do que velhos e complexos tratados políticos e tradicionais práticas curativas, eram os novos métodos e a ciência empírica (como o fenômeno do voo dos balões ou a invenção de sapatos que supostamente permitiriam ao homem caminhar sobre a água) que encantavam e atraíam os franceses⁴, de modo que nem mesmo os críticos meios oficiais de comunicação – jornais e revistas – conseguiam fazê-lo.

Robert Darnton revela, ademais, que longe de ser mera fascinação passageira, o mesmerismo conquistou adeptos tão radicais que acabaram tomando para si a longa luta pelo reconhecimento da “evidente” cientificidade desse método curativo. Houve outros que ainda conseguiam ler, no antes apolítico ideal de Mesmer, uma mensagem política oculta: de caráter *rousseauísta*⁵, tornava-se ele um meio para a propagação de ideias radicais, contestatórias e de extremismo potencialmente revolucionário.

Excluídos e desprezados pelas grandes academias, nomes que em futuro próximo viriam a atuar ativamente – alguns assumindo a liderança – na Revolução (como Brissot, Carra e Bergesse), encontraram no mesmerismo sua luta pessoal pela representatividade, justificando ser imperativa a reorganização (em alguns casos completa abolição) de tão *despóticas* entidades. Nicolas Bergesse inspirou aqueles que identificavam Mesmer a Rousseau e entendiam que, da mesma forma que uma moral corrompida enfraquecia os corpos, o elevado estágio de degradação atingido pelas instituições do Antigo Regime só poderia emanar dos maus costumes que impregnavam a todos, condição típica do homem moderno, mas ausente nos estágios primitivos, fase carente dos excessos artísticos e pecados capitais que acometiam aqueles tempos. Era preciso uma revolução nos hábitos para se transformar a política... e tal transformação urgia. Bem se percebe o quão longe havia chegado uma simples terapia curativa.

⁴ Além de pessoas simples, ignorantes e figuras que, futuramente, desempenharão papel de liderança na Revolução Francesa (como se verá) o movimento mesmerista com seu apego ao irracional – comodamente alterado para que sobrevivesse às transformações advindas de 1789 – também atraiu para si nomes ilustres como os de Alexandre Dumas, Honoré de Balzac e Victor Hugo tendo, portanto, considerável papel na transição do Iluminismo para o Romantismo do século XIX.

⁵ Expressão utilizada por Darnton, diz-se de algo influenciado, de maneira heterodoxa, pelas ideias de Jean-Jacques Rousseau, como se verá com o líder revolucionário Nicolas Bergesse.

III

Voltaire relatava em suas cartas (e satirizava em seus poemas) aquilo que ele dizia constituir a “canalha” de Paris: numerosos, estimam-se milhares, de jovens que se dizendo escritores filosóficos, não passavam de “pobres-diabos” completamente falidos. Se não eram pobres-diabos, seus detratores optavam pela alcunha “rousseaus de sarjeta” (*rousseaus du ruisseau*), termo empregado inicialmente a Restif de La Bretonne, mas que terminou por se estender a toda casta de *philosophes* empobrecidos. Seduzidos com o livre pensamento e as possibilidades oferecidas pela filosofia das Luzes, esses jovens sonhavam em sobreviver, na pouco solidária França (ao menos para pessoas daquela ocupação), apenas da renda obtida com suas obras. Frustravam-se ao perceber o quão difícil era conseguir publicar textos (fossem eles sediciosos ou não) em terra dos Bourbon.

Vivendo na miséria, muitos abandonavam suas ideias para se empenhar na vulgarização das obras de referência do Iluminismo, demasiado eruditas para o significativo e pouco instruído (ainda que ávido) público leitor da época. Tal tendência teria se acentuado nos anos que antecederam à Revolução, momento em que os complicados tratados políticos não despertavam mais interesse como as simples e mordazes crônicas escandalosas, e os vivamente comentados panfletos, libelos e pornografias políticas. Tais escritores, percebendo o potencial mercadológico dessas obras, mexericavam assuntos do momento, aproveitando para pôr em prática as mesmas críticas (e propor os mesmos modelos) de, por exemplo, Rousseau em seu *Contrato Social*, Voltaire em *Cartas Persas*, e Montesquieu em *O Espírito das Leis*, utilizando-se de linguagem mais simples, acessível e, por vezes, atraentemente obscena. Assim sendo, tais obras objetivavam não apenas conferir algum lucro a seus escritores, mas também ridicularizar conhecidas autoridades e figuras públicas, criticar a moralidade cristã e atentar contra a sacralidade do rei – e rainha, amantes, outros nobres, todo e qualquer cortesão.

Segundo Darnton, um dos motivos de sucesso nas vendas se devia à maneira como esses livros se apresentavam. Admitindo-se como testemunhas oculares acerca dos acontecimentos na Corte, panfletistas e libelistas prometiam anunciar toda a sujeira escondida por trás do Palácio de *Versailles* e da Bastilha, as traições e arbitrariedades. Sendo relativamente distante o local de decisão dos poderes, essas “informações” se revelariam preciosas não só aos parisienses, mas a todo indivíduo que considerasse insuficientes as notícias vinculadas pelos órgãos oficiais de governo – jornais com tiragens deveras limitadas.

Darnton chama a atenção para um fato: os vinte anos que antecederam os eventos de 1789⁶ viram o mercado literário inundado de obras que ou desapareceram com o tempo (sendo conhecidas apenas por seus títulos em relatos pessoais e comerciais) ou foram ignoradas pelas análises de muitos historiadores. Darnton, porém, afirma a necessidade de estudá-las quando se busca uma maior e mais adequada compreensão de como ideias potencialmente revolucionárias foram sendo difundidas por meio da literatura vulgar, mais próxima ao grande público que Voltaire ou Rousseau⁷ algum sequer poderia imaginar. É importante ressaltar, ainda, que naquele momento tal distinção (livro vulgar/literatura filosófica elevada) não se apresentava de forma tão manifesta quanto hoje: quando se encaixotavam encomendas ou quando as mesmas eram apreendidas pelos postos de fiscalização da polícia, o libelo escandaloso *Anecdotes sur Mm la Comtesse du Barry* e a tão ilustrada *Encyclopédie* eram rotuladas igualmente como “livros filosóficos” (*livres philosophiques*) segundo os tipógrafos, e “livros perversos” (*mauvais livres*), segundo os fiscais de alfândega.

Com o objetivo de colocar apresentar esses antigos e desconhecidos escritores, o historiador estadunidense remove escombros e nos apresenta Pidansat de Mairobert, Louis-Sébastien Mercier, barão d’Holbach, Baudouin de Guémadeuc, Pietro Bacci Aretino, dentre muitos outros. Praticamente esquecidas pela História que investiga a disseminação de idéias no contexto pré-revolucionário tais figuras foram, em seu tempo, verdadeiros fenômenos de vendas, os autores dos “*best-sellers* proibidos da França pré-revolucionária” – livros que apesar de relativamente mais caros do que as obras legalizadas produzidas no país encontravam amplo público consumidor e leitor.

Não obstante, assim como aconteceu com os mesmeristas na área das ciências, quase nenhum escritor foi reconhecido pela Real Academia Literária; uns poucos foram protegidos por nobres e escritores de prestígio⁸; enquanto para a maior parte restou padecer

⁶ Época em que o autor se dedica por marcar a fundação da tipografia suíça na qual encontrou 50 mil cartas que lhes revelaram parte do comércio clandestino de livros entre os dois países. Darnton, porém, não é ingênuo a ponto de afirmar que munido das informações de apenas *uma* tipografia (a empresa em questão chamava-se Sociedade Tipográfica de Neuchâtel – STN – e como tantas outras se localizava próximo à fronteira) seria possível radiografar *completamente* o comércio na França, o que liam e pelo o que se interessavam os franceses em sua *totalidade*. Mas também acredita que esta literatura, seu consumo e os potenciais perigos ao regime não devem ser ignorados, já que, como se verá, atraíram desmedida atenção (com intuito fortemente repressor) da polícia na época.

⁷ Aqui consideramos o “Rousseau dos tratados políticos” mais do que o popular “Rousseau dos romances ficcionais”, como *Julie ou la nouvelle Héloïse*.

⁸ O mesmo Voltaire que criticava a hipertrofia (sub)literária em cartas e a satirizava em poemas como “*Le Pauvre Diable*”, ponderava sobre a importância de determinados vulgarizadores da sua filosofia como único meio de ela se irradiar no populacho e o mover à ação contra *l’infâme*. Ver DARNTON, R. *Um panfletista em fuga*. In: Boemia literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

todos os tormentos possíveis: da fome ao desprezo, da perseguição ao “embastilhamento” (detenção na prisão *política* dos Bourbon, reservada também aos tipógrafos e livreiros ligados a esse comércio proibido) culminado, quase sempre, em dolorosa morte.

IV

Esse *underground* literário não se restringia a leigos pobres irreligiosos ou incrédulos, afetava também padres pobres irreligiosos ou incrédulos. A asserção pode soar estranha aos dias de hoje, mas era, na França dos luíses, fenômeno mais comum do que se imaginava. É Darnton, mais uma vez, que relata a existência de um importante “*underground* eclesiástico”, que colocava em pé de igualdade o “baixo” clero (ainda Primeiro Estado) e todos os outros que compunham o Terceiro Estado (ou, pelo menos, os contaminados pela filosofia das Luzes).

Sua maior arma era a denúncia dentro das próprias ordens clericais, e, em último caso, pesada crítica à própria instituição/Igreja. A não divisão dos dízimos, a riqueza desmedida e a vida cercada de luxo características dos bispos eram pretextos para críticas incendiárias de abades empobrecidos, rancorosos e evidentemente sem a menor vocação para o celibato, já que, não raro, estes padres mantinham relações estáveis com uma ou várias mulheres. Le Senne, Yvon e Pestré não só atentavam contra a religião, como ainda eram reconhecidamente devassos, sem que isso competisse seriamente em possível desligamento de suas respectivas ordens. Entre uma depravação ou outra Le Senne produzia livros e grande quantidade de panfletos, enquanto Yvon e Pestré, grandes amigos de Diderot, contribuíam escrevendo valiosos artigos para a *Enciclopédia* – e a amizade mantida com Diderot, considerado “inteligente, mas extremamente perigoso” era motivo de atenções cada vez mais especiais da polícia.

V

Cumpra agora dar coesão a tais episódios para compreendermos de maneira efetiva como se articulou o pensamento de Robert Darnton – ao menos sobre parte de sua obra. A indagação consiste em: se o autor parece não superestimar as influências dos iluministas clássicos no francês comum pré-revolucionário (aqueles que decisivamente agiram e fizeram 1789 acontecer), como conseguiram, por que surgiram e qual o real impacto que tiveram, segundo Darnton, essas – até então – esquecidas ou pouco recorrentes figuras da França setecentista? Para tal, é mister recordar duas características essenciais de que se revestiu o regime borbônico – do ofuscante Luís XIV ao desventurado Luís XVI:

inicialmente consideradas as agentes de sua sustentação, essas características (indispensáveis ao Antigo Regime) terminaram por minar suas bases, criando-lhe poderosos inimigos internos. Tratam-se dos privilégios – concedidos a poucos e materializados em restritivas Academias oficiais – e também da poderosa repressão legalizada.

Para nobres e bispos (o baixo clero não se via contemplado), a sociedade de Corte representava meios para garantir estabilidade econômica e reputação através de abundantes regalias e favorecimentos concedidos pela realeza. Porém, certos nomes que compunham o Terceiro Estado também partilhavam de prerrogativas importantes o suficiente para distingui-los da maioria da população (até mesmo dentre os que exerciam igual ofício): é o caso de uns poucos livreiros que recebiam monopólio de venda para determinado título e tipografias que afixavam análoga exclusividade na produção de textos, sendo tal política respaldada pelas guildas do setor. Quem, portanto, desejasse fazer parte de tão lucrativo comércio⁹ se via impedido de exercê-lo diante de tantas restrições impostas. Assim, era natural que muitos se voltassem para as vendas clandestinas, comercializando o *underground* literário.

Apesar de alheios aos seus pares, estes livreiros e tipógrafos – quando cômicos da maneira de se conduzir um negócio acima de tudo proibido – auferiam significativos lucros com uma literatura mais saborosa e interessante do que os admitidos e tradicionais escritos médicos, obras devocionais, hagiográficas, compêndios de viagem, e manuais de história comercializados pelos livreiros da guilda. Foi com essa rara percepção que editores e livreiros “fizeram do Iluminismo um negócio”.

As academias reais (literária e científica) se tornaram alvos frequentes de virulentos ataques por parte de uma hipertrofiada camada de escritores e pretensos cientistas que delas se viam apartados. As academias representavam, também, privilégios, reputações e benefícios econômicos (bolsas) aos seus membros. Rancorosos e desiludidos, desprezados e *embastilhados*, cada indivíduo encontrava um meio para criticar o caráter despótico – para eles, então, retrógrado e rígido – de tais entidades. Sendo elas fruto de benesses régias, o próprio rei se via atacado; investindo contra seus dois corpos (o físico e o moral), simples panfletos tornavam-se armas eficazes para atentados contra a sacralidade régia, aniquilando a legitimidade do outrora “pai” de seu povo e representante de deus na Terra.

⁹ A leitura, neste período, consolidava reputações (ter uma biblioteca garantia certo *status*), era fonte de instrução, divertimento e justificativa para encontros sociais. Com a valiosa contribuição oferecida pela imprensa de Gutenberg – e sua posterior disseminação pela Europa –, bem como a criação de técnicas que barateassem o custo de fabricação do papel, o preço dos livros reduzia-se a ponto de ele não mais ser considerado artigo de luxo.

A forte opressão policial e a rigorosa vigilância alfandegária podem ser consideradas outra marca constante durante a Monarquia absolutista francesa. Seja nas fronteiras ou mais internamente, a vigilância da polícia à procura de material sedicioso na França endurecia-se quanto mais desesperadora ficava a situação do Antigo Regime. Preocupado com o tipo de material diária e maciçamente produzido dentro e fora do país (os já citados panfletos, libelos, crônicas escandalosas e pornografias políticas) Vergennes, o ministro de Assuntos Externos, já relatava, em suas cartas, preocupações acerca do alcance e influência na população de dita literatura quando dizia: “*V.Sa. tem conhecimento da malevolência de nosso século e de quão facilmente são colhidas as fábulas mais absurdas*” (DARNTON, 1987: 195).

Não se deve pensar que tal precaução fosse mera paranoia típica de autoridades comprometidas em manter pulsante um regime que há muito cambaleava; Vergennes sabia que o comércio clandestino de livros proibidos na fronteira fervilhava a cada novo escândalo, fosse ele autêntico ou apócrifo. Foi, portanto, natural o esforço de seu ministério em repreender ainda mais essa perigosa atividade: ordens de prisão e exílio corriam soltas pelo reino, atingindo quem escrevesse, publicasse ou comercializasse *mauvais livres*. Vergennes apenas não percebia que arruinando definitivamente lojas, vidas e reputações, concorria de modo decisivo para engrossar o exército de insatisfeitos com a política dos Bourbon.

O Antigo Regime minava suas bases e criava inimigos quando impedia homens simples – pais de família, pretensos artistas, gente que buscava a sobrevivência – de viverem dignamente. Privilégios e monopólios oferecidos a um pequeno grupo excluía milhares de pessoas empenhadas simplesmente em trabalhar; infamados, com reputações maculadas e a fome constantemente lhes lembrando de sua terrível situação, tais indivíduos puderam se tornar os futuros revolucionários que tão voluntariamente panfletavam contra o reinado de Luís XVI e sua odiosa esposa Maria Antonieta. Orientado por estes escritores – o que não quer dizer que após ler qualquer livro decidisse tomar a Bastilha, outros fatores devem ser levados em conta – o povo passava a considerar cada vez mais ilegítimos os governantes da França. Foram em esses escritores, eficazes vulgarizadores de ideias revolucionárias concebidas décadas atrás pelos “grandes representantes” iluministas, que Darnton sustentou sua tese: é nos charlatões, padres devassos e escritores libertinos que se devem buscar a resposta para a questão levantada por Daniel Mornet. “As origens intelectuais da Revolução Francesa” não se encontram naqueles estratos mais elevados da filosofia praticada no século XVIII, encontram-se mais abaixo, na sarjeta e clandestinidade.

Encontram-se, enfim, no tão extenso – e relativamente pouco explorado – *underground* literário da França setecentista.

Referências Bibliográficas

DARNTON, R. *Boemia literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e Revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *O grande massacre de gatos e outros episódios da História Cultural Francesa*. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. *O lado oculto da Revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FLORENZANO, Modesto. *François Furet historiador da Revolução Francesa*. Rev. hist., São Paulo, n. 132, jun. 1995. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83091995000100009&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 12 abr. 2012.

LEFEBVRE, G. *1789: o surgimento da Revolução Francesa*. Trad. Ely Bloem de Mello Pati. São Paulo: IBRASA, 1989.

MICHELET, J. *História da Revolução Francesa: da queda da Bastilha à festa da federação*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MORNET, D. *Les origenes intellectuelles de la Révolution Française (1715-1787)*. Paris, 1933.

SOBOUL, A. *História da Revolução Francesa*. Trad. Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

VOVELLE, M. *A Revolução Francesa 1789-1799*. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2007.

_____. (Org.). *França revolucionária 1789-1799*. Trad. Denise Botmann. São Paulo: Brasiliense, 1989.

Recebido em: 04/03/2012

Aprovado em: 20/04/2012